DE QUEM É ESSE CORPO? A REAPROPRIAÇÃO DO CORPO HISTERICIZADO A PARTIR DO DISCURSO FEMINISTA E PSICANALÍTICO FREUDIANO.

Fernanda Rafaela Sypniewski[1]

RESUMO

Esse artigo tem como finalidade apresentar algumas críticas de Foucault e das feministas pós-estruturalistas ao dispositivo psicanalítico, principalmente no que se refere a histerização do corpo da mulher e a 'mulher histérica', construídos a partir do século XVIII por meio dos discursos científicos. E também, aproximar o feminismo da psicanálise freudiana, de um lado pela reapropriação do corpo da mulher pelas feministas e por outro, pelo discurso psicanalítico de o sujeito ser o autor de sua própria fala.

PALAVRAS-CHAVE:
Histeria; psicanálise; feminismo.

ABSTRACT

This article aims to present some criticisms of Foucault and post-structuralist feminists to the psychoanalytic device, mainly about the hysterization of the woman's body and the 'hysterical woman', constructed in the 18Th century trough

[1]Mestre em História. PPGHIS UFPR

scientific discourses. And also, bringing feminism closer to Freudian psychoanalysis, through the reappropiation of woman's body by feminists and through the psychoanalytic discourse of the subject being the author of their own speech.

KEY-WORDS:
Hysteria; psychoanalysis; feminism.

A relação da histeria com a mulher começa na Antiguidade, quando Hipócrates no século IV a.C. e depois Platão, retomaram a ideia de que o útero é um organismo vivo dotado de uma certa autonomia e de uma possibilidade de deslocamento. Essa concepção vem de crenças milenares, cerca de 2000 anos a.C. no antigo Egito, onde as perturbações eram atribuídas às migrações do útero para a parte superior do corpo e procurava-se fazer "descer esse estranho animal, atraindo-o para baixo através de agradáveis odores aplicados sobre a vulva e repelindo-o pela inalação de odores desagradáveis" (Trillat, 1991a). Segundo o psiquiatra francês Etienne Trillat, durante toda a Antiguidade esse método terapêutico de "sufocação da matriz" foi utilizado, resultando mais tarde na histeria. A histeria era considerada uma espécie de "sufocamento do útero" que ocorria nas mulheres que não engravidavam ou que "abusavam dos prazeres carnais" (Roudinesco, 1989, p.39). Segundo a psicanalista Elisabeth Roudinesco (1989), essa teoria serviu de suporte às teorias da histeria até o começo da era cristã.

Nas *Obras Completas* de Hipócrates há em torno de 250 páginas dedicadas a "natureza da mulher" e à "sufocação da matriz". Entretanto, o termo "histeria" não aparece em parte alguma da obra, ela foi acrescentada pelo médico e lexicógrafo francês Émile Littré (1801-1881) na edição francesa da obra, e adicionada aos subtítulos todas as vezes que o Hipócrates fazia menção à "sufocação da matriz". A terapêutica proposta por Hipócrates é abundante, para casos menos graves pode-se cozinhar lentilhas no vinagre, sal e orégano e aspirar seu vapor ou fazer uma sopa a água fervida com farinha. Nos casos graves era preciso "por em ação grandes meios" (Trillat, 1991a, p.21).

> Se você encontrar a doente sem fala e com os dentes cerrados, introduzir um pessário com a ajuda de uma cânula a fim de enfiar o mais fundo possível lã enrolada em torno de uma pluma e embebida em perfume branco egípcio ou perfume de murta ou de *baccharis*, ou de manjerona... deixa-se a lã aplicada com

> o pessário até que o útero retorne ao seu lugar; isto feito, retira-se a lã, a matriz sobre de novo, recoloca-se a lã no lugar do mesmo modo. Sob as narinas, faz-se uma fumegação com raspas de corno negro de cabra ou de corno de cervo atiradas sobre a cinza quente para que se produza o máximo de fumaça. A mulher aspirará o odor pelas narinas, o máximo que puder. Mas, o que há de melhor em fumegação é o óleo de foca: colocam-se carvões sobre uma carapaça, cobra-se a mulher, exceto a cabeça, que permanece livre a fim de que o odor entre o mais possível; derrama-se óleo pouco a pouco e a mulher aspira o odor... Eis o que se deve fazer quando a matriz se fixa no alto (HIPÓCRATES, 1839-1881 apud TRILLAT, 1991a).

Hipócrates propõe também um tratamento preventivo: para as moças, o casamento; para a mulher casada, o coito e para a mulher viúva, a gravidez (Trillat, 1991a).

Em seguida, Platão contemporâneo de Hipócrates, também tinha suas ideias a respeito do útero. Para o filósofo as diferentes partes do corpo correspondem a diferentes almas: o corpo é o veículo da alma imortal e esta reside no cérebro. Com isso, todo o corpo é segmentado em diferentes seções, e a cada uma pertence uma alma imortal. Assim, o tórax é a sede da alma viril que "insufla a coragem e o ardor guerreiro" (Trillat, 1991a, p.23). Entre o diafragma e o umbigo fica a alma da alimentação, abaixo está o baixo-ventre que serve de filtro para retardar a passagem do alimento. Assim, segundo Trillat (1991a), se delineiam os três tipos de alma para Platão: a alma imortal, que reside no cérebro; a alma viril, que reside no tórax, e a alma animal, localizada nas vísceras. Na seção mais baixa, sob o baixo-ventre, reside a matriz ou o útero que não possuiu alma e, por isso, não é mais controlada pela hierarquia das almas.

> (...) a natureza das partes íntimas dos homens é desobediente e autônoma, semelhante a um ser-vivo desobediente da razão, e empreende dominá-lo por meio destes apetites acutilantes. Pelas mesmas razões, aquilo a que nas mulheres se chama "matriz" ou "útero", um ser-vivo ávido de criação, quando está infrutífero durante muito tempo além da época, torna-se irritado – um estado em que sofre terrivelmente. Em virtude de vaguear por todo o

> lado no corpo e bloquear as vidas de saída do sopro respiratório, não o deixando respirar, atira-o para extremas dificuldades e provoca-lhe outras doenças de toda a espécie até que o apetite e o desejo amoroso de cada um deles se reúnam para colherem o fruto (...) (PLATÃO, 2011, p. 209).

A distinção entre homem e mulher se dá pela característica da mulher guardar em seu ventre um animal que não tem alma. Para Trillat (1991a) a aproximação com a animalidade provém do fato da mulher não ser igual ao homem. Ela é, diferente do homem, um produto de uma "transformação dos homens mais vis em fêmeas" (1991a, p.23): homens que foram covardes e na geração seguinte são transformados em mulheres. Esse é o estatuto da mulher e, particularmente da mulher histérica. Será quase quatro séculos depois que a medicina consegue assimilar ao conjunto de seus conhecimentos o funcionamento do órgão da sexualidade feminina.

Durante a Idade Média, via-se os sintomas histéricos como manifestações do demônio. Nesse período a percepção médica resistia a explicação da possessão demoníaca para explicar a causa da histeria. Foi apenas no século XVII com Charles Le pois (1563-1633) que a doença passou a ter uma causa cerebral, já que afetava os dois sexos, e assim, a teoria uterina foi contestada (Roudinesco,1989). A imagem de que o útero era um animal interno habitando o corpo da mulher e que provocava distúrbios e que deveria ser domado, foi reforçada no século XIX. Segundo Rago (2013), esse reforço se deu pela entrada das mulheres no mercado de trabalho e na vida social, e também, com a emergência do feminismo que desafiava o "dispositivo da sexualidade" e as normas que pretendiam domesticar e propagar a imagem da mulher casta, passiva e dessexualizada.

> Aliás, as atitudes transgressoras e insubordinadas das mulheres serviram para os doutores instituírem patologias como a histeria, e legitimarem noções sobre a inferioridade física, mental e moral das mulheres. Por contraponto, procuravam sinalizar o lugar da mulher normal e os comportamentos que lhe seriam adequados e aceitos (RAGO, 2013, p.238).

Para a feminista Elaine Showalter (1993, apud Rago, 2013), os médicos do século XIX fizeram uma apropriação sexista e misógina dos textos de Hipócrates,

que atribuía o sofrimento histérico como deslocamentos do útero apresentando uma grande sintomatologia e problemas do corpo feminino. A histeria, nessa explicação sexista, deriva das insatisfações sexuais e maternas das mulheres.

A cultura europeia entre os séculos XVIII e XIX produziu uma grande quantidade de discursos com o intuito de promover uma adequação entre as mulheres apresentando um "conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade" (Kehl, 2016, p.40). Esses discursos disseminavam a ideia de que as mulheres são sujeitos definidos a partir de sua natureza, isso quer dizer que, elas estão à revelia de sua anatomia e que essa natureza precisa ser domada pela sociedade e pela educação, para assim, cumprirem o papel a que estão naturalmente designadas. Portanto, a maternidade era, o destino único de todas (Kehl, 2016).

As mulheres francesas que apresentassem essa inadequação eram conduzidas ao Hospital da Salpêtrière, em Paris. Local em que o tratamento era centrado nos ovários e diversos instrumentos mecânicos foram inventados para comprimi-los. Didi-Huberman (2015) em *Invenção da Histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, pretende descrever como Jean-Martin Charcot (1825-1893) redescobriu a histeria, por meio dos procedimentos clínicos e experimentais, utilizando-se da hipnose e de apresentações públicas das doentes em crise nas reconhecidas "aulas das terças-feiras". Essas sessões contavam com a participação de médicos, jornalistas e curiosos a respeito dos ataques histéricos das pacientes sob hipnose, e grande parte dessas sessões foram registradas com câmeras fotográficas. Com Charcot a histeria se transformou em espetáculo, em *invenção da histeria*. A Salpêtrière, nas três últimas décadas do século XIX era uma "espécie de inferno feminino, uma *cittá dolorosa* que encerrava quatro mil mulheres incuráveis ou loucas" (2013, p.15), o maior asilo da França, um asilo de mulheres, o historiador define a Salpêtrière como a cidade das mulheres incuráveis.

Todo o esforço da anatomia patológica consistia, no século XIX, não só em configurar a histeria, construir uma sintomatologia, mas principalmente em colocá-la num grupo maior de lesões. Entretanto, os médicos da Salpêtrière nunca descobriram onde a histeria de alojava, "se ao menos se encontrasse alguma coisa em algum lugar! Mas não, as histéricas eram tudo ao mesmo tempo- paradoxo clínico! " (Didi-Huberman, 2013, p.108), a causa era procurada no útero, nos ovários, no crânio, nada. A histeria obrigava os médicos a pensarem em seus paradoxos: "aqui era uma porosidade integral do corpo, ali uma dinâmica de

emanações e simpatias, acolá os obscuros caminhos dos "nervosismos"" (2013, p. 110).

> A ataxia histérica, como se dizia no século XIX, é uma *conflagração espetacular* de todos os paradoxos em um único gesto, grito, sintoma, risada, olhar. Inversão da evidencia: como a inversão das chamas. É uma fogueira de paradoxos, paradoxos de todas as qualidades: as histéricas são, com efeito (e sempre com exagero), quentes e frias, úmidas e secas, inertes e convulsivas, dadas a síncopes e cheias de vida, abatidas e radiantes, fluidas e pesadas, estagnantes e vibratórias, fermentadas e ácidas etc.etc. O corpo das histéricas era [...] uma afronta a qualquer submissão de um órgão à função: "A histérica parece estar sempre fora da regra: ora seus órgãos agem de maneira exagerada, ora, ao contrário, suas funções tornam-se lentas a ponto de às vezes parecerem eliminadas". " (Didi-Huberman, 2013, p.110, *grifo do autor*).

O corpo das histéricas vivia de acordo com intervenções, influências, crises agudas, e continuava resistindo aos tratamentos médicos, até que, um dia, sem nenhuma explicação aparente, a histérica se curava sozinha. Esse corpo que chegava a manifestar todas as doenças ao mesmo tempo, sem apresentar lesões, é um paradoxo da evidência espetacular: "a histeria oferecia todos os sintomas, uma profusão extraordinária de sintomas – porém eles não se prendiam a *nada* (e não tinham qualquer base orgânica) " (Didi-Huberman, 2013, p.111).

Os estudos feministas, como os de Showalter citados por Laurentiis (2015), mostram como a invenção da histeria está ligada à produção de uma imagem da mulher tida como louca e rebelde, essa produção reafirma "o papel histórico fundamental da objetivação do corpo feminino no desenvolvimento de tecnologias biopolíticas" (2015, p.69). Nesse sentido, é possível pensar que o corpo histérico foi moldado, construído, formulado historicamente e que não foi somente o olhar atento de Charcot que produziu esse corpo.

É necessário pensar em Foucault para tratar da relação entre o dispositivo da sexualidade e o feminismo. Em *História da Sexualidade – Vol. I* , Foucault (2017) aponta quatro poderes disciplinares modernos de saber e poder sobre o sexo, a partir do século XVIII. O primeiro deles foi a 'Histerização do corpo da mulher', processo no qual o corpo foi analisado, qualificado e desqualificado como um corpo saturado de

sexualidade. Com isso, o corpo feminino foi integrado ao campo das práticas médicas e posto em comunicação com o corpo social, o espaço familiar e com a vida das crianças para garantir por meio de uma responsabilidade biológico-moral a figura da mãe, que faz um contraponto com a 'mulher nervosa', a imagem negativa da mulher. Sendo essa a forma mais visível da histerização.

O segundo dispositivo é a 'Pedagogização do sexo da criança', afirmação de que as crianças são suscetíveis a uma atividade sexual, trazendo consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais. Os pais, médicos e educadores devem se "encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo" (Foucault, 2017, p.114). Outro dispositivo é a 'Socialização das condutas de procriação', uma forma de socialização econômica por meio de incitações ou freios à sexualidade dos casais. E o quarto dispositivo está associado a 'psiquiatrização do prazer perverso', em que se atribuiu um papel de normalização e patologização de toda a conduta de forma a construir uma tecnologia corretiva para as anomalias sexuais. Enfim, ao longo do século XIX, essas quatro figuras aparecem como objetos privilegiados do saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso, "cada uma correlativa de uma dessas estratégias que, de formas, diversas, percorreram e utilizaram o sexo das crianças, das mulheres e dos homens" (2017, p. 114). Foucault questiona, afinal, do que se trata nessas estratégias, segundo ele, trata-se antes de mais nada, da própria sexualidade.

> Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não é a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2017, P. 115).

As sociedades ocidentais modernas inventaram, a partir do século XVIII, um dispositivo, para se superpor ao dispositivo da aliança, criado como um sistema de regras que define o que permitido e o proibido; esse novo dispositivo, o

da sexualidade, funciona de acordo com regras móveis, polimorfas e conjunturais de poder.

Segundo Foucault (1993), até o final do século XVIII, até Philippe Pinel (1745-1826), o útero e a matriz permaneceram presentes na patologia da histeria, porém "graças a um privilégio de difusão pelos humores e pelos nervos, e não por um prestígio particular de sua natureza" (1993, p.315). O movimento de patologização da mulher se acelerou no século XVIII, contexto no qual o corpo se torna objeto médico, durante a passagem dos séculos tentou-se fixar as mulheres à sexualidade, com discursos de 'corpo frágil', na maioria das vezes doente e com maior probabilidade de doença. Os movimentos feministas, aceitando o desafio de ser um corpo tomado pelo sexo, seriam então sexo em "sua singularidade e especificidade irredutíveis" (Foucault, 1979, p.234), tirando disto as consequências e reinventando um tipo de existência, políticas, econômica e cultural própria das mulheres. O movimento feminista procurava a partir desta sexualidade que era alvo de controle dos discursos médicos, partir para uma outra direção e outras afirmações. As feministas tencionam a partir dos discursos sobre seus corpos, o dispositivo da sexualidade, por exemplo, a artista plástica Louise Bourgeois cria as aranhas para produzir, a partir desses discursos sobre o feminino "uma imagem exagerada do próprio ideal de feminilidade, que tem como efeito criticá-los" (Laurentiis, 2015, p.95).

A historiadora Margareth Rago (2013) ao comparar a obra de Bourgeois "Maman"[2] com a sexualidade feminina, afirma que por um lado, a aranha é associada a uma tecelã e comparada com os homens, por outro, é uma figura "venenosa e fatal remete aos mistérios da sexualidade feminina, vista como avassaladora, incontrolável e desconhecida" (2013, p.236), portanto, a aranha carrega diversos significados que a associam à perversão sexual, à histeria e à rebeldia. No século XIX, passando pela literatura às artes, diversos autores fizeram uso da aranha para mostrar os perigos da sexualidade feminina, produzindo representações femininas como desviantes, ninfomaníacas, onanistas, lésbicas, todas consideradas histéricas, perversas e loucas.

O corpo, os cuidados com ele, a forma de vestir, etc., é um agente da cultura, é nele que "comprometimentos metafísicos" (Bordo, 1997, p.19) da cultura são inscritos, funcionando também, como uma "metáfora da cultura" (*idem).* O

[2]Maman é uma escultura de bronze, aço e mármore da artista plástica Louise Bourgeois. A escultura representa uma aranha, e foi criada em 1999 como parte da exibição *The Unilever Series (2000).* Para mais informações, consultar: https://www.tate.org.uk/art/artworks/bourgeois-maman-t12625

corpo não é somente um 'texto da cultura' é, principalmente, um lugar 'prático' de controle social. O controle do corpo feminino é exercido por meio da organização e da regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos da vida cotidiana, esse corpo é treinado, moldado e marcado "pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade" (1997, p.20). Ao se buscar um ideal de feminilidade, quase sempre homogeneizante, é exigido que a mulher siga diversas mudanças da moda, todo esse controle e padronização dos corpos femininos é nomeado por Foucault de "corpos dóceis"; são corpos que estão sujeitos ao controle externo, à transformação e ao aperfeiçoamento. O disciplinamento e a normatização do corpo são estratégias de controle social, nos quais as mulheres têm sido alvo 'privilegiado'. As desordens associadas ao feminino variam de acordo com o contexto histórico: na segunda metade do século XIX a neurastenia e histeria, e na segunda metade do século XX a anorexia nervosa e a bulimia, essas desordens podem ser vistas como característica feminina de cada período e produzidas a partir das características que ordenavam o que era mulher e feminino (BORDO, 1997).

Para continuar com as formulações feministas em relação ao corpo e a histeria, é necessário recuar até a noção de corpo em Foucault. Em *Vigiar e Punir* (1987), ele afirma que o corpo está mergulhado num campo político, onde as relações de poder têm acesso imediato sobre esse corpo, essas relações

> (...) o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (FOUCAULT, 1987, p.25-26)

Ou seja, nessa concepção o corpo só é útil quando é, ao mesmo tempo, produtivo e submisso. Para Foucault (1987) a consciência e subjetividade não estão separadas do corpo, cada maneira de pensar a interioridade humana nasceu em um contexto próprio.

Em *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, Foucault (2017) afirma que a interioridade produzida nas relações de poder tem como núcleo o corpo

de desejo e prazer, o corpo cuja verdade reside em seu sexo. A sexualidade desde expressões mais comuns até as manifestações mais singulares é o produto da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres, um poder que adentra nos corpos e provoca o que há de mais íntimo, como também, a maneira como a sexualidade se apresenta no social. Silva (2014) e McLaren (2016) afirmam que na obra foucaultiana prevaleceu a concepção do corpo como construído nos dispositivos de poder e um local de operação deste, sendo que nas duas obras acima citadas (*Vigiar e Punir* e *História da sexualidade I – A vontade de saber)* há a preocupação de explorar a forma como as normas sociais operam no corpo, entretanto, no primeiro é focado nas formas como o poder opera através das disciplina, o segundo, centra-se na forma como o poder opera através do discurso.

Um dos efeitos do poder sobre o corpo é a subjetividade, então as questões relacionadas à subjetividade são inseparáveis das questões do corpo. Dentro dessa noção de corpo há paralelos que podem ser feitos com o feminismo: 1) rejeição do dualismo mente-corpo; 2) o corpo é visto como local de luta política; 3) corpo como central para a subjetividade e ação. As feministas têm se utilizado da noção de corpo foucaultiana para explorar a construção da feminilidade (McLaren, 2016).

Então, o corpo histérico pode ser visto como uma superfície "na qual as construções convencionais da feminilidade são expostas rigidamente ao exame, através de suas inscrições em forma extrema ou hiperliberal" (Bordo, 1997, p.27), podendo a histeria ser caracterizada como uma patologia de protesto. Diana Hunter (1985 apud Bordo, 1997) interpreta a afasia de Anna O., que se manifestava pela incapacidade de falar o idioma materno – alemão -, como uma revolta às regras linguísticas e culturais do pai e uma volta à linguagem primitiva: "o semiótico balbucio da infância, a linguagem do corpo" (1997, p.27). Para Hunter e outras feministas que lidam com a teoria lacaniana, "a volta ao nível semiótico é tanto regressiva quanto uma comunicação expressiva endereçada ao pensamento patriarcal" (1997, p.27), uma forma do corpo exprimir, mesmo que silenciosamente, aquilo que as condições sociais tornam impossível de dizer. Ainda nesse sentido Carroll Smith-Rosenberg (1983, apud Bordo, 1997) diz que a histeria se tornou um caminho no qual as mulheres podiam expressar, de maneira, muitas vezes, inconsciente, a insatisfação com um ou mais aspectos de sua vida.

A psicanálise surge, modificando o regime das inquietações e incertezas da comunidade médica do fim do século XIX. Inicialmente trouxe algumas des-

confianças por levar à cabo a lição de Charcot de percorrer a sexualidade dos indivíduos fora do ambiente privado. Para Foucault (2017) a psicanálise colocava à claro a sexualidade, punha em questão as relações familiares na análise da sexualidade, Freud em

> suas modalidades técnicas, coloca a confissão da sexualidade fora da soberania familiar, reencontrava, no próprio seio dessa sexualidade, como princípio de sua formação e chave de sua inteligibilidade, a lei da aliança, os jogos mesclados dos esponsais e do parentesco, o incesto (FOUCAULT, 2017, p.123).

Foucault (2017) aponta o imenso consumo de análise nas sociedades em que o dispositivo da aliança e o sistema da família tinham necessidade de reforço, para ele os pontos fundamentais do dispositivo da sexualidade, que 'nasceu' com o cristianismo clássico e apoia-se nos sistemas de aliança e nas regras que o regem; e que atualmente desempenha um papel inverso, é o dispositivo da sexualidade que tende a sustentar o dispositivo da aliança. Esses dois dispositivos, giram um em torno do outro, num processo de construção lento; para o cristianismo "a lei da aliança codificava esse cerne que se estava começando a descobrir e impunha-lhe, antes de mais nada, uma armação ainda jurídica" (2017, p.124), para a psicanálise é a sexualidade que dá corpo e vida às regras da aliança, preenchendo-as com desejo.

Foi a partir dos anos 1970 que Foucault começou a pensar a psicanálise como mais uma das manifestações do poder disciplinar, mais um dos dispositivos confessionais "típicos da rede capilar dos poderes da modernidade, cuja eficácia consiste em fazer passar todos os detalhes da vida na forma de discurso" (Kehl, 1976, p.133). Para a psicanalista Maria Rita Kehl (1976) é necessário considerar, seguindo o pensamento de Foucault, que "é no encontro com os dispositivos capilares do poder que o sujeito tem oportunidade de inscrever no campo do Outro sua diferença, na forma de algum registro discursivo que lhe seja próprio" (1976, p.134), ou seja, é nos encontros com o poder que o sujeito adquire existência pública e passa a se perceber como autor de sua própria história de vida.

É nesse sentido que se pode pensar o dispositivo psicanalítico, com a escuta de Freud como uma 'produção de um destino', no encontro "da expressão de um sofrimento com o poder médico, e mais ainda, com o poder da palavra

de um médico que dotou essa expressão de um alcance e sentido" (Kehl, 1978, p.135) que o paciente não teria alcançado sozinho.

O interesse de Freud pela histeria surgiu após o contato com os trabalhos desenvolvidos por Charcot na Salpêtrière, em 1885. Descobertas consideradas um ponto de virada para as pesquisas sobre a histeria e para a relação dos sintomas histéricos com a sexualidade. Charcot 'adicionou' à etiologia da histeria a existência de uma experiência traumática e sua frequência também em homens, com isso a histeria foi diferenciada de outras doenças e teve uma ordem própria e definida. Inaugurando um modo de classificação que diferencia a crise histérica da crise epiléptica e libertou as enfermas das acusações de simulação (ROUDINESCO, 1989, p.39).

> A essência da descoberta de Charcot recai nos seguintes pontos: ele abandonou a antiga definição da histeria e a substituiu pela definição moderna de neurose; remontou esta última a uma origem traumática, dotada de um vínculo com o sistema genital, em seguida demonstrou a existência da histeria masculina, na qual realmente não se acreditava, passando assim de uma espécie de semântica dos fluidos, que circulariam da matriz para o cérebro, para uma semiologia da neurose (ROUDINESCO, 1989, p.39).

Charcot abandona a 'teoria do útero' tornando a histeria uma doença nervosa de origem orgânica e hereditária. O médico buscava aplicar à histeria o método anatomoclínico, com o intuito de estabelecer um inventário das manifestações e comparar no que cada uma delas se diferem das manifestações de origem neurológicas. Com esse método, Charcot buscava identificar as relações constantes entre os fenômenos para construir suas leis, esse trabalho descritivo e semiológico ocupou os primeiros anos de seu trabalho com a histeria. Portanto, o método anatomoclínico transformou a histeria em uma doença como qualquer outra, alojando-a no campo da ciência (TRILLAT, 1991a).

Todo a teoria do médico neurologista será retomada por Freud na construção de um novo método terapêutico e também, a emancipação dessa teoria em busca de uma nova concepção da neurose histérica. No artigo publicado em 1893, *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*, Freud coloca as investigações e explicações da neurose no campo da psicologia, que aos poucos se distanciam da neurologia, seguindo para

a noção de trauma. O primeiro resultado das investigações psicanalíticas sobre os mecanismos das neuroses refere-se à importância da etiologia dos fatores sexuais, a essa formulação segue a descoberta de que diferentes fatores sexuais produzem diferentes distúrbios neuróticos (LIMA, 2003).

Na medida que o trauma da histeria é da ordem psíquica, é necessário que o paciente passe a narrar a sua história pessoal para que, então, o médico possa localizar o momento traumático responsável por aquele sintoma. Esse método de tratamento trouxe narrativas cujo o componente sexual desempenhou um papel predominante, a partir daí, segundo Garcia-Roza (2009) "está selado o pacto entre a histeria e a sexualidade" (p.34), pacto que foi recusado por Charcot e que "se transformou em ponto de partida e núcleo central da investigação freudiana" (2009, p.34).

Entretanto, as explicações de Freud sobre a origem da histeria e seu núcleo na sexualidade geraram algumas críticas entre as feministas. Porchat&Fejgelman (2014), afirmam que é necessária uma aproximação as construções teóricas de Judith Butler, para promover um encontro com a psicanálise. A crítica inicial é dirigida a determinados conceitos freudianos e lacanianos, como o conceito de falo, a diferença sexual e a concepção de parentesco, entretanto, neste trabalho, focaremos apenas nas críticas à Freud.

Judith Butler é a autora mais traduzida e discutida nos estudos de gênero atualmente, suas reflexões atingiram níveis avançados na discussão com os textos psicanalíticos, por exemplo, quando se detém no modelo de heterossexualidade compulsória, onde a analisa em relação ao conceito freudiano de melancolia, ou "quando ressignifica o conceito de foraclusão da psicanálise para desenvolver sua análise singular sobre exclusão, na concepção de corpos objetos" (LAGO, 2010, p.199).

Butler (2005 apud Porchat&Fejgelman, 2014), dá ao inconsciente e à linguagem um lugar de destaque na constituição do sujeito, para ela, a análise é "desfazer-se do eu e reconstruir os limites que condicionam nossa fala e narrar é um ato que pressupõe a existência de um outro. Fazendo uma analogia a situação transferencial psicanalítica, pois é a transferência que legitima a "ininteligibilidade do sujeito e, por extensão, deve ou deveria legitimar a ininteligibilidade do gênero" (2014, p.05), sendo a transferência um dos lugares primordiais para a apresentação do sujeito a si mesmo. Será, portanto, na relação com o outro que o sujeito é constituído.

Lago (2010) produziu um dos poucos trabalhos que procura mapear o debate entre feminismo e psicanálise, elencando várias autoras e diferentes pontos de vista. As críticas abordam, principalmente os conceitos de Complexo de Édipo/ Complexo de Castração da menina e a heteronormatividade como norma. Para o antropólogo cultural Rubin (1975, apud Lago, 2010) a psicanálise reproduz as relações em que as mulheres são oprimidas e outras manifestações da sexualidade são excluídas. Em contraponto, Juliet Mitchel (1967) procura retratar Freud como um teorizador *de* e *sobre* uma sociedade patriarcalista da sociedade que analisa, e segundo ela, o feminismo teria mais ganho em utilizar as contribuições de Freud. Ela resgata o psicanalista como um revolucionário ao tirar a sexualidade dos genitais, "transbordando-o, circulando-o por todo o corpo erogeneizado, desprendendo-o da reprodução biológica e tomando-a como atividade central na organização do psiquismo humano" (2010, p. 196).

Enfim, o debate entre feminismo e psicanálise vêm ocorrendo desde quando Freud buscou um paralelo entre a organização psicológica dos meninos e das meninas na experiência do Complexo de Édipo, mais especificamente quando sugere que a diferenciação anatômica produz uma diferença sexual/psíquica. De certa forma, a história do debate entre os feminismos e a psicanálise é "cercada" de questionamento e tensão entre os campos, esse embate, possibilitou segundo Oliveira & Nicolau (2020), uma leitura social e subjetiva dos fenômenos de sujeição. Seguir o caminho dos discursos sobre a subjetividade, em especial no que tange ao feminino, pode problematizar uma concepção do simbólico masculino e repensar a mulher não enquanto essência ou negativo do homem, mas para além disso. Butler (2005) e Kehl (2002), reafirmam a importância da análise para a reconstrução da história individual do sujeito e na relação com o Outro articular a "experiência do mundo com sua vida íntima, de modo a dotar de algum sentido seu cotidiano" (2002, p.135), a psicanalista relembra a experiência analítica de Anna O., afirmando que mesmo que não tivesse obtido a cura de seu sofrimento e sintomas, "certamente a oportunidade de fazer passar seu sofrimento sintomático em forma de discurso contribuiu para que ela se tornasse uma outra mulher" (2002, p.135). A psicanálise parte da criação de um sujeito como autor de si mesmo e de sua própria fala.

RECEBIDO em 12/11/2022
APROVADO em 23/12/2022

REFERÊNCIAS

BORDO, S.R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: Jaggar, A.M.; Bordo, S.R. (ed.). **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. P.19-41

DIDI-HUBERMAN, G. Mil formas, sob nenhuma. In: _____. **Invenção da histeria:** Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. P. 101-122

FOUCAULT, M. Figuras da Loucura. In: _____. **História da Loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.307-327

_____. Capítulo 1: O corpo dos condenados. In: _____. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Petrópolis, Editora Vozes, 1987. P. 09-29.

_____. O dispositivo da sexualidade. In: _____. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. P. 85-144

GARCIA-ROZA, L.A. A pré-história da psicanálise – II. In: _____. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,; 2009. P.42

KEHL, M.R. A psicanálise e a microfísica do poder. In: _____. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P.133-135.

_____. Os homens constroem a feminilidade. In: _____. **Deslocamentos do feminino:** a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016. P.39-55

LAGOS, M.C.S. **Feminismo, psicanálise, gênero:** viagens e traduções. Estudos Feministas, n. 18, v.1, jan/dez, Florianópolis, 2010.

LAURENTIIS, G.B. **Louise Bourgeois e os modos feministas de criar**. 189f. (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. P. 79-115.

LIMA, I.C.B. **A construção freudiana do conceito de sexualidade e a etiologia das neuroses:** 1886-1905. (Tese de Doutorado) Departamento de Filosofia da Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

MCLAREN, M. Foucault e o corpo: uma reavaliação feminista. In: _____. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Editora Intermeios, 2016. P. 104-153.

OLIVEIRA, P.A.O.; NICOLAU, R.F. **Feminino em questão:** diálogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo. *Revista Subjetividades, v.* 20 (Esp.2. O contemporâneo à Luz da Psicanálise), 2020. Disponível em: https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e8974, acesso em: 15/07/2020.

PLATAO. Timeu. In: _____. **Timeu-Crítias**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011. P.69-2011.

PORCHAT, P.; FEJGELMAN, B.B. **A psicanálise apesar de Freud:** uma releitura feminista ainda necessária. Labrys, v.26, jul-dez, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/125094>, acesso em: 10/09/2020.

ROUDINESCO, E. IV. O sexo, a mulher e a histeria. In: _____. **História da psicanálise na França:** a Batalha dos Cem Anos. Vol. 1: 1885-1939. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989. P.38-44

RAGO, M. Foucault, a Histeria e a Aranha. In: _____. Muchail, S.T., Fonseca, M.A., Neto, A.V. (orgs). **O mesmo e o outro:** 50 anos da História da Loucura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. P. 235-246

SILVA, P. 3. Da articulação entre corpo e política. In: _____. **O estatuto do corpo nos dispositivos foucaultianos**. (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo, Guarulhos, 2014.

TRILLAT, E. Histeria, útero: a antiguidade greco-latina. In: _____. História da Histeria. São Paulo: Escuta, 1991a. P.17-25